

Amor, cuidado e união

A relação dos irmãos Thayanna, Thays e Thyago Bittencourt sempre foi de cuidado uns com os outros. Com uma criação pautada nos ensinamentos bíblicos, a família carioca, que se mudou para Brasília em 2006, era incentivada a prezar pela união e pela generosidade, valores levados à risca pela primogênita Thayanna, considerada por todos uma “tia exemplar”.

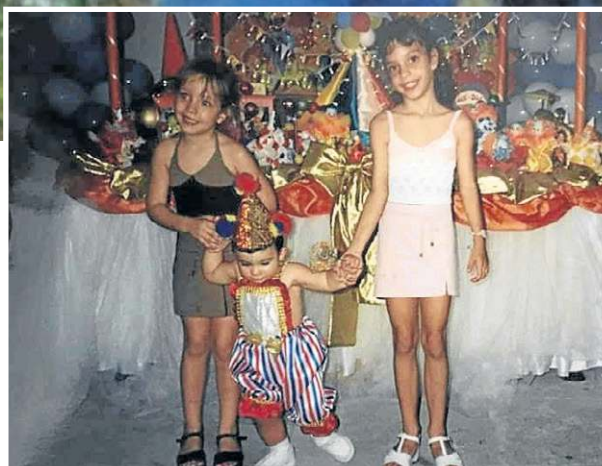
“Minhas filhas só a chamavam de ‘tia Thathá’. Ela ‘rolava’ com as pequenas pelo quintal, me escrevia poemas e nos divertia cantando. Tinha um lado muito humano”, recordou Thays, 31, a filha do meio. Quando crianças, os três, brincalhões, adoravam jogar Imagem e Ação e, nas férias, sempre voltavam às praias, para ‘pegar jacaré’ (pegar ondas sem uso de pranchas) nas águas da Região dos Lagos.

Mas nem tudo foram flores, visto que, desde cedo, Thayanna necessitou de cuidados especiais e atenção, pois vivia com epilepsia e tinha um certo atraso no desenvolvimento. “Sempre tivemos que protegê-la, porque ela sofria muito bullying na escola. Eu, mesmo sendo mais nova, tentava defendê-la”, contou a social media. Mesmo com todas as dificuldades, a primogênita nunca deixou de estudar, nem guardava mágoa de quem a ofendia. Aos 28 anos, estava finalizando a graduação em pedagogia.

Fisicamente, as duas irmãs tinham poucas semelhanças. “Ela era morena, de cabelo cacheado; eu, loira de cabelo liso. Ela, mais dramática, uma atriz, eu, mais prática”. Para Thays, quem não tem irmão não sabe como é viver um grande amor. “Eu aprendi a amar cuidando deles”, completou.



À esquerda, Thayanna, Thays (centro) e Thyago



Fotos: Arquivo pessoal

Além da saudade de Thayanna (direita), Thays (esquerda) sente orgulho e a considera sua inspiração

VÍNCULOS FAMILIARES

De acordo com a socióloga Christiane Machado Coelho, a diminuição do número de filhos nas famílias, realidade que se tornou comum, está associada a mudanças no ritmo e estilos de vida presentes na sociedade, bem como alterações no mercado de trabalho, nos valores, nas famílias e nas relações de gênero.

Questões econômicas, mulheres buscando a independência financeira, além da falta de apoio de outras pessoas, tanto dentro como fora da família, impulsionam

essa ausência de desejo voltada à maternidade, combustíveis para que o público feminino opte por não terem filhos.

A socióloga aposta que o desenvolvimento de correntes mais comunitárias para a criação das crianças pode ser uma solução para que elas não se sintam tão sozinhas até a fase adulta. “É relevante resgatar valores mais comunitários na formação das crianças e da sociedade. Alargar o conceito de família, de humanidade e de solidariedade”, finaliza.